



Atuação de fatores estilísticos na variação entre as formas de tratamento de segunda pessoa em uma comunidade de fala valenciana

Stylistic factors in the variation of the performance of treatment forms of the second person in a Valencian speaking community

José Victor Melo de Lima

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), Canindé, Ceará / Brasil

Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, Ceará / Brasil

victor.lima@hotmail.es

<https://orcid.org/0000-0001-9831-6705>

Valdecy de Oliveira Pontes

Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, Ceará / Brasil

valdecy.pontes@ufc.br

<https://orcid.org/0000-0002-8183-9259>

Resumo: Neste artigo, analisamos a atuação de fatores estilísticos na variação entre as formas de tratamento de segunda pessoa, *tú* e *usted*, em 36 entrevistas extraídas do *corpus* PRESEVAL (*Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de Valencia*). As 1.286 ocorrências coletadas, sendo 1.185 relativas à variante *tú* e 101 à variante *usted*, foram analisadas estatisticamente no programa Goldvarb (2005). Serviram-nos, como embasamento teórico para tratar da questão da variação estilística, três diferentes abordagens que aportam uma visão multidimensional desse tipo de fenômeno (LABOV, 2001, 2008; BELL, 1984; ECKERT, 2001; SCHILLING-ESTES 2002). No que tange às variáveis estilísticas analisadas, obtivemos os seguintes resultados: (i) os dados evidenciaram um propenso uso de *tú* nos estilos *expositivos* e *argumentativos* (0.890 e 0.751, respectivamente); (ii) a presença da variável *assuntos menos complexos* favorece a ocorrência da variante *tú*, como evidencia o peso relativo atribuído (0.639); (iii) os dados indicam uma porcentagem relativamente alta de uso da variante *tú* nos três fatores, encabeçada pela *proximidade alta* (95.1%). Ao observarmos a aplicação da variante *usted* em nossos dados, essa apareceu de forma mais saliente

(59 ocorrências) entre os indivíduos caracterizados por uma relação de *distanciamento* com o entrevistador, frente aos de proximidade *intermediária* (38 ocorrências) e *alta* (4 ocorrências), respectivamente.

Palavras-chave: formas de tratamento de segunda pessoa; espanhol de Valência; variação estilística.

Abstract: In this paper, we analyze the performance of stylistic factors in the variation of treatment forms of the second person, *tú* and *usted*, in 36 questionnaires take from the corpus PRESEVAL (*Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de Valencia*). The 1.286 occurrences collected, with 1.185 related to the variant *tu*, and 101 to *usted*, were statistically analyzed by Goldvarb Program (2005). As theoretical background to address the question of stylistic variation, three different approaches were taken to show a multidimensional view of this phenomenon (LABOV, 2001, 2008; BELL, 1984; ECKERT, 2001; SCHILLING-ESTES, 2002). Concerning the stylistic variables analyzed, we have got the following results: (i) the data showed an inclined use of *tú* in the expository and argumentative styles (0.890 e 0.751, respectively); (ii) the presence of the variable less complex subjects favors the occurrence of the variant *tú*, as evidenced by the relative attributed weight (0.639); (iii) the data have showed a relatively high percentage of the use of the variant *tú* in the three factors, headed by high proximity (95.1%). By observing the use of the variant *usted* in our data, it has appeared more prominently (59 occurrences) among subjects characterized by a relation distance with the interviewer, compared to those of intermediate (59 occurrences), and high (4 occurrences) proximity respectively.

Keywords: Treatment forms of the second person; Valence Spanish; stylistic variation.

Recebido em 17 de agosto de 2019

Aceito em 30 de setembro de 2019

1 Introdução

Há mais de cinco décadas, Brown e Gilman (1960) propunham sua teoria pioneira sobre a semântica do poder e da solidariedade que, desde então, tem rendido um número considerável de pesquisas na área do tratamento. Em espanhol, Morín, Almeida e Rodríguez (2010) são categóricos ao afirmar que os estudos que analisam as formas de tratamento pronominal e nominal, principalmente os primeiros, são de especial interesse para os sociolinguistas, nesse idioma. Orozco (2010), Díaz-Campos (2014), Silva-Corvalán e Enrique-Arias (2017) corroboram essa visão ao assegurar que essas formas integram uma área de estudo bastante produtiva dentro da Sociolinguística.

Na segunda metade do século passado, Brown e Gilman (190) postulavam que as línguas europeias como o francês, o alemão, o italiano e o espanhol, mantinham ativas duas formas de tratamento, no singular, para se dirigir a um interlocutor e as quais estavam associadas a duas dimensões: a do poder e a da solidariedade. De acordo com os autores supra, essas formas tinham origem no *tu* e no *vos* do latim, em que a primeira forma (*T*) designava relações pautadas pela familiaridade, e a segunda (*V*) indicava polidez no tratamento. Em espanhol, tais pronomes resultaram no *tú* e no *vos*¹ e este, posteriormente, no *usted*.

Ainda consoante a esses autores, a dimensão do poder é marcada por uma relação assimétrica em que um indivíduo exerce poder sobre outro, por exemplo, a relação entre pais e filhos, patrão e empregado. Nessa semântica, o indivíduo superior utiliza a forma de tratamento *T* e recebe *V*. Por outro lado, na dimensão da solidariedade, há uma relação de simetria em que um indivíduo usa *T* e recebe *T*, por exemplo, no tratamento entre irmãos; ou *V-V*, nas relações em que não há diferenças relacionadas com o poder, por exemplo, o tratamento entre duas pessoas de famílias distintas, mas ambas de grande status social.

Ao investigarem os usos das formas de tratamentos nessas línguas europeias, Brown e Gilman (1960) revelaram uma mudança nos tipos de relações partindo da assimetria para a simetria. Segundo esses autores, a dimensão da solidariedade começava a se expandir em vários contextos sociais, estabelecendo uma reciprocidade através do uso de *T* mútuo. No tocante ao uso feito dessas formas em língua espanhola, tal asserção tem sido comprovada por inúmeros trabalhos (cf. HUMMEL; KLUGE; VÁZQUEZ LASLOP, 2010).

Além disso, Carricaburo (1997) assevera que as formas de confiança têm se sobreposto às formas de respeito em grande parte do

¹ Conforme Lapeza (2008, *passim*), na primeira metade do século XVI, *vos* passou por momentos de coexistência com *vosotros* para referir-se a várias pessoas. No entanto, *vos* ainda se utilizava para designar indivíduos no singular em usos reverenciais ou de cortesia. Essa relação, obviamente, causava conflitos. Dessa forma, passou a dar-se preferência pelo pronome *vosotros*, uma vez que era inequívoco para fazer referência a várias pessoas. *Vos*, então, é eliminado de forma gradual. Ao desvalorizar-se o uso de *vos*, para mostrar cortesia no tratamento, usava-se *vuestra merced* ou *vuestra señoría*. De *vuestra merced*, a repetição deu origem a *vuesa merced*, *vuesarced*, *vuesañced*, etc. e, finalmente, a *voacé*, *vucé*, *vuced*, *vusted*, *usted*. No século XVII, essas últimas formas eram usadas por criados e, apenas depois, *usted* generalizou-se.

mundo hispano. Silva-Corvalán e Enrique-Arias (2017) atestam que o *tuteo* – nome dado ao fenômeno que consiste no emprego de formas verbais e pronominais da segunda pessoa do singular *tú*, em língua espanhola – tem avançado em mais situações de uso, inclusive entre indivíduos que não se conhecem, mas possuem idades similares.

A despeito do número expressivo de trabalhos variacionistas sobre as formas de tratamento na literatura disponível sobre essa temática, ainda é perceptível, em muitas pesquisas, que as metodologias empregadas na análise da alternância entre essas formas são ainda pouco diversificadas. Ao nos debruçarmos sobre esses estudos, percebemos que o uso de questionário como instrumento de coleta de dados; análises pautadas apenas em variáveis de caráter social como: sexo, idade e escolaridade ou até mesmo pesquisas que consideram, tão somente, a perspectiva teórica de Brown e Gilman (1960), são lugar-comum nos estudos sociolinguísticos.

Além disso, ao elaborarem o estado da arte sobre as formas de tratamento no âmbito da Península Ibérica Espanhola, Calderón Campos (2010) expõe a reduzida bibliografia sobre os pronomes *tú* e *usted*, nesse contexto. A visão desses autores corrobora a nossa percepção inicial, pois, além de evidenciarem a escassez de trabalhos nas variedades do espanhol falado na Espanha, admitem que o referencial teórico e a metodologia utilizada são bastante homogêneos.

É imperioso ressaltar que, de forma alguma, queremos tirar prestígio à teoria epistemológica proposta por Brown e Gilman (1960). Ela foi fundamental para o desenvolvimento das pesquisas na área das formas de tratamento. No entanto, apesar de também recorremos a essa teoria, em alguns momentos, para explicarmos determinados padrões de variação, ponderamos que apenas o seu uso não é suficiente para dar conta de um sistema pronominal bastante complexo e que depende, inclusive, de fatores ligados ao próprio indivíduo como o estilo linguístico.

Dito isso, o presente trabalho busca examinar algumas das lacunas apresentadas e propõe uma análise da variação entre as formas de tratamento *tú* e *usted* em uma comunidade de fala da cidade de Valência, situada na costa sudeste da Espanha. Ademais, como possíveis condicionadores desse fenômeno variável, selecionamos alguns fatores de ordem estilística, como: *estilo discursivo*, *complexidade do assunto* e *relação de proximidade entre os interlocutores*. Consideramos ser o estilo uma dimensão que, se no início era uma área marginalizada nos estudos

sociolinguísticos, como observam Macaulay (1999) e Hora (2014), já há algumas décadas, constitui uma vertente na área da pesquisa linguística em que importantes trabalhos têm sido desenvolvidos e oferecem aporte teórico para a explicação de fenômenos de variação, conforme aludem Aijón Oliva e Serrano (2010).

2 O estilo em Sociolinguística

Antes de tudo, convém salientar que o estilo é o objeto de estudo da Estilística, disciplina que se volta para os fenômenos da linguagem (MARTINS, 2012). Definir esse objeto não é tarefa fácil, haja vista que tem sido discutido em diversas perspectivas teóricas, e sua classificação dependerá, portanto, do tipo de abordagem adotada. Para Crystal e Davy (1969), por exemplo, a Estilística é um ramo da Linguística que estuda certos aspectos ligados à variação linguística.

Ao distinguir alguns conceitos de “estilo”, os autores anteriormente mencionados revelam que o seu entendimento sobre esse termo se aproxima de algumas definições apresentadas por estudiosos da Estilística. Por exemplo, a visão do estilo como um objeto de estudo que se refere a alguns ou todos os hábitos languageiros de uma pessoa ou às formas linguísticas que particularizam um indivíduo. Por outro lado, de modo semelhante, esses autores apresentam a noção de estilo como um objeto que pode se referir aos hábitos linguísticos referentes a um grupo de pessoas de uma só vez ou em um mesmo período de tempo.

Ao buscarmos uma definição para estilo no *Dicionário crítico de sociolinguística*, organizado por Bagno (2017), encontramos uma compreensão bastante similar ao exposto no parágrafo anterior. De acordo com esse autor:

Em seu sentido mais amplo, *estilo* se refere a um modo distintivo de falar ou escrever. As pessoas adotam diferentes estilos em diferentes contextos (por exemplo, no caso da fala, a depender de com quem se está falando, o tema da conversa, o local físico da interação etc.). Os estilos podem diferir em vários níveis linguísticos (léxico, gramática, pronúncia). As escolhas estilísticas são significativas por representarem contrastes: a escolha de uma palavra ou de uma pronúncia, por exemplo, em lugar de outra que poderia ter sido usada. (BAGNO, 2017, p. 122, grifo do autor)

Bagno expõe, ainda, que:

Na Sociolinguística variacionista, *estilo* é um termo técnico que se refere à formalidade relativa de uma situação. Neste caso, o estilo da fala poder ser analisado em termos de um *continuum* estilístico que vai do menos formal ao mais formal, de acordo com o grau de atenção prestado pelo falante ao próprio discurso. (BAGNO, 2017, p. 122, grifos do autor)

Essa maneira de perceber o estilo refere-se à perspectiva laboviana dentro dos estudos sociolinguísticos. Em outras palavras, é a Labov (2008), com seu estudo pioneiro em Nova York, que se atribui a inserção do estilo como variável que pode revelar padrões de variação. Para Eckert e Rickford (2001, p. 1), “Style is a pivotal construct in the study of sociolinguistic variation.”² Para esses autores, o trabalho laboviano supramencionado colocou em uma posição central a teoria e a metodologia referentes ao estilo. Sobre essa dimensão da variação, conforme Schilling-Estes (2002) e Görski e Valle (2014), três principais abordagens caracterizam os estudos dessa área desde a década de 60. São elas: i) *Attention paid to speech*, proposta por Labov (2001, 2008); ii) *Audience design*, desenhada por Bell (1984) e iii) *Speaker design* (ECKERT, 2001; SCHILLING-ESTES, 2002).

Ao estabelecer as bases para uma análise estilística da variação, modelo *Attention paid to speech* ou, em português, “grau de atenção à fala”, Labov (2008) estava interessado em chegar ao vernáculo do falante. Dito de outra forma, o linguista pretendia observar a fala mais espontânea, isto é, os trechos de fala em que havia menos monitoramento, pois era no vernáculo que se poderia registrar os processos de mudança. Desse modo, como a coleta de dados partia do estilo do falante, Labov (2008) desenhou a entrevista sociolinguística, a partir da qual lhe possibilitaria obter uma extensa amostra de estilo; desde a fala mais formal a menos formal (ECKERT; RICKFORD, 2001).

Para Labov (1972), o estilo do falante abarcava um contínuo socioeconômico, pois, segundo esse autor, as variações linguísticas estavam relacionadas a uma estratificação socioeconômica. Desse modo, o linguista estabelece um *continuum* estilístico para cada falante no

² “O estilo é um constructo fundamental no estudo da variação sociolinguística.” (ECKERT; RICKFORD, 2001, p. 1, tradução nossa).

qual, no topo, está a fala mais cuidada, mais formal e de prestígio e, em um nível mais baixo, registra-se a fala menos cuidada, mais informal e estigmatizada. No entanto, como a entrevista sociolinguística é um método de coleta relativamente formal, isso poderia impedir o linguista de chegar ao vernáculo do falante, isto é, a fala mais natural.

Para resolver o “paradoxo do observador”, como Labov chamou a problemática acima, a solução foi controlar os tópicos de conversa. A entrevista é, então, segmentada em níveis de formalidade e informalidade e o linguista percebia as variações de estilo a partir do grau de monitoramento que o falante exercia sobre a fala. Essa forma de analisar os estilos distribuídos em uma única dimensão ficou conhecida como *isolamento de estilos contextuais*, que compõe o desenho metodológico elaborado por Labov (2008) entre os anos 60 e 70, conhecido como modelo de *análise contextual*.

Os níveis de formalidade e informalidade, conhecidos como “estilos contextuais”, estabelecidos por Labov (2008) e segmentados na entrevista, foram os seguintes:

- i) contexto A1: fala fora da entrevista formal – compreende a fala que está fora da entrevista propriamente dita, por exemplo, uma interrupção ou quando o falante oferece alguma bebida;
- ii) contexto A2: fala com uma terceira pessoa;
- iii) contexto A3: fala que não responde diretamente a perguntas, isto é, digressões, interrupções rápidas ou retóricas etc.;
- iv) contexto A4: parlendas e rimas infantis;
- v) contexto A5: risco de vida;
- vi) contexto B: é a parte principal da entrevista e constitui o estilo identificado como *fala monitorada*;
- vii) contexto C: estilo de leitura. O informante realiza a leitura de textos padronizados nos quais se concentram variáveis fonológicas em parágrafos sucessivos ou pode haver trechos justapondo pares mínimos;
- viii) contexto D: leitura de listas de palavras com as variáveis que se pretende analisar;
- ix) contexto D’: leitura de listas de palavras com pares mínimos que marcam, como diferença, apenas um elemento fonêmico.

Posteriormente, Labov refina o modelo de *isolamento de estilos contextuais* e propõe outro modelo de análise conhecido como *árvore de decisão*. Nele o linguista ainda admite que as alternâncias de estilos são determinadas pelo grau de monitoramento à fala e apresenta duas dimensões para captação do estilo: uma com fala mais casual (*casual speech*) e é caracterizada pela ausência de monitoramento por parte do falante; e uma de fala mais cuidada (*careful speech*) em que há um estilo de fala mais formal.

A cada dimensão correspondem quatro subcategorias, ou contextos estilísticos, associados a situações que atravessam a entrevista. São elas: *narrativa* – narrativas orais de experiência pessoal; *grupo* – fala direcionada a outros interlocutores fora da entrevista formal; *infância* – narrativas de infância; *tangente* – são as digressões, trechos de fala do entrevistado que fogem ao núcleo temático por interesse dele; e *resposta* – o primeiro enunciado que segue a fala do entrevistador; *língua(gem)* – falas que abordam aspectos linguísticos; *soapbox* – quando o entrevistado opina de maneira genérica, dirigindo-se não diretamente ao entrevistador, mas como se fosse para um público mais amplo, e *residual* – consiste em todas as falas da entrevista que não se encaixam em nenhum dos outros contextos.

Para a análise estilística, o sociolinguista deve associar os trechos de fala do informante a um desses contextos. Ao associar, se houver correspondência, a análise termina. Por outro lado, não havendo correspondência, segue-se associando às outras subcategorias até chegar-se ao *residual*, contexto estilístico que, como vimos, acolhe os trechos de fala em que não foi possível estabelecer uma correspondência com os demais estilos contextuais.

O modelo laboviano para análise da variação estilística foi alvo de críticas por vários estudiosos. Dantas e Gibbson (2014) e Coelho e Nunes de Souza (2014), por exemplo, questionaram o fato de Labov focar no grau de atenção à fala, algo que, como observa Eckert e Rickford (2001), contribuiu para que mais estudos sobre o estilo não fossem replicados na década de 70. Além disso, estes autores afirmam que havia dificuldades em isolar a fala mais casual da fala mais formal através dos contextos presentes na entrevista. Bell (1984), sociolinguista neozelandês, criticou o método através do qual Labov (2008) separava a fala mais casual. Como se sabe, este linguista utilizava, por exemplo, a leitura de textos, listas de palavras e pares mínimos para apreender esse tipo de estilo.

Para Bell (1984), esse tipo de estilo do falante era considerado “artificial” na entrevista, pois, em um contexto comunicativo espontâneo, seria difícil o indivíduo produzi-lo. Isto é, o estilo captado quando o informante lesse uma lista de palavras só seria possível quando o falante lesse uma lista de palavras. Dessa forma, nos anos posteriores à proposição do *modelo de análise contextual* laboviano, há uma mudança de foco nos estudos do estilo. Se antes centravam-se no âmbito do falante, depois passa a estar na influência que o interlocutor exercia na variação estilística. Surge, então, em 1984, a proposta metodológica de Bell: *Audience Design*.

Bell (1984) defende que a dimensão estilística deve estar correlacionada aos atributos de um indivíduo, tendo em vista que ela deriva da dimensão social e essa, conforme alguns sociolinguistas, está relacionada às características do falante como sexo e idade. Contudo, para ele, há de considerar as características do ouvinte e não do falante. Assim, a variação estilística é explicada a partir da influência que a audiência, ou seja, o interlocutor projeta sobre o falante. Bell (1984, p. 159) assume: “[...] persons respond mainly to other persons, that speakers take most account of hearers in designing their talk”.³ Esse constitui o axioma principal do modelo supracitado.

Em seu desenho metodológico, Bell (1984) estabelece uma relação de causa e efeito em três níveis que sustenta o seu foco no ouvinte. O primeiro nível, de caráter sincrônico, refere-se a um único falante que, em determinadas situações, altera o seu estilo para soar, linguisticamente, como outro falante. O segundo nível, de caráter diacrônico, diz respeito a um falante individual que, no curso do tempo, altera o seu discurso para se assemelhar a outros grupos, por exemplo, quando o falante se muda para outra região com dialeto diferente. O último nível, mais próximo do segundo, aponta para todo um grupo de falantes que altera a sua fala para se aproximar à fala de outro grupo.

Ademais, Bell (1984) designa diferentes categorias de audiência cuja influência sobre a variação estilística dependerá da distância que o público mantém do falante. Em outras palavras, quanto mais próximo deste, maior será a influência em seu estilo. Para Bell (1984), a principal

³ “As pessoas respondem, principalmente, a outras pessoas, ou seja, o que os falantes levam mais em conta são os ouvintes, ao projetarem suas falas.” (BELL, 1984, p. 159, tradução nossa).

audiência é a segunda pessoa, isto é, o destinatário, o qual é reconhecido e ratificado. A categoria que inclui esse tipo de audiência foi denominada de *adresse*. No entanto, Bell não considerou apenas a segunda pessoa, mas, também, as terceiras pessoas. A categoria conhecida como *auditor* agrega as pessoas presentes, conhecidas e ratificadas, porém, não diretamente endereçadas. Em *overhearer*, o falante tem consciência da sua existência. No entanto, são participantes não ratificados. Na última categoria, *eavesdropper*, estão as pessoas cuja presença é desconhecida. Sendo assim, de acordo com Bell (1984, p. 159), “These four audience roles are implicationaly ordered according to whether or not they are addressed, ratified, and known.”⁴

Assim como o modelo de Labov (2008), a proposta de análise de Bell (1984) também foi alvo de críticas. Para Hernández□Campoy (2016), assim como o modelo anterior, *Audience Design* é ainda unidimensional, nesse caso, com foco no ouvinte. Além disso, entre outras críticas, o autor questiona o fato de esse modelo não especificar, exatamente, quais fatores da audiência motivam a mudança de estilo no indivíduo. Desse modo, para ele, Bell subestima o papel do falante. Contudo, Hernández□Campoy (2016) reconhece que essa abordagem fornece uma descrição mais completa da variação estilística do que a abordagem laboviana de atenção à fala. De modo análogo, sobre o trabalho de Bell publicado em 1984, Ecker e Rickford (2001, p. 4) afirmam:

This paper not only introduced a coherent view of style-shifting, it also integrated a wide range of previously disparate sociolinguistic findings, and posited a number of novel theoretical generalizations and testable predictions about the relation between social and stylistic variation.⁵

Em conformidade com Shilling-Estes (2002), com o progresso nos estudos da variação estilística, houve um deslocamento de abordagens unidimensionais para abordagens multidimensionais que incluem vários

⁴ Essas quatro funções da audiência estão implicitamente ordenadas de acordo com o fato de serem ou não endereçadas, ratificadas e conhecidas.” (BELL, 1984, p. 159, tradução nossa).

⁵ Este artigo não apenas introduziu uma visão coerente da mudança de estilo, mas também integrou uma ampla gama de achados anteriormente díspares, e propôs uma série de novas generalizações teóricas e previsões testáveis sobre a relação entre variação social e estilística.

fatores motivadores desse tipo de variação (tópicos, cenários, grupos sociais etc.). Para a autora: “Because the focus is now on how speakers use variation to fashion themselves and their surroundings, current approaches to stylistic variation can be classified as SPEAKER DESIGN approaches.”⁶ (SHILLING-ESTES, 2002, p. 339, grifo da autora).

Ainda em fase inicial no Brasil, o modelo *Speaker Design* centra seu estudo na comunidade de prática e não na comunidade de fala, como nas abordagens anteriores. Aquela é entendida como um grupo de pessoas que possuem perspectivas em comum e que se engajam em projetos comuns. Dessa forma, como o indivíduo integra a matriz social, é nela que ele constrói a sua identidade através da prática estilística (ECKERT, 2001). O foco desse modelo está em saber como o indivíduo se vale da variação estilística para construir essa identidade, assim como estabelecer interações interpessoais e criar identidades de grupo (SHILLING-ESTES, 2002).

Destarte, quando o falante realiza combinações para produzir diferentes maneiras de falar, este trabalha na construção da *persona*. É esse processo que é entendido como estilo. Nessa fase dos estudos sobre a variação estilística, Shilling-Estes (2002) afirma que há um uso criativo dos recursos linguísticos. A autora ainda expressa que, finalmente, os estudos nessa área passam a considerar tanto a percepção do ouvinte como a produção do falante, uma vez que, para que haja significado social, depende-se do que o falante quer transmitir e de como os ouvintes interpretam o que esse diz.

Vale ressaltar que, de acordo com a autora supra, as três abordagens, anteriormente apresentadas, podem correlacionar-se às três ondas classificadas por Eckert (2012) quando esta analisou os estudos variacionistas desde o trabalho seminal de Labov (2008). Ademais, Shilling-Estes (2002) chama atenção para o fato de essas três abordagens não serem, claramente, separáveis. Eckert (2012), por sua vez, exprime que uma abordagem não invalida a outra, mas se complementam entre si.

⁶ “Como o foco agora está em como os falantes usam a variação para moldar a si mesmos e seus arredores, as abordagens atuais da variação estilística podem ser classificadas como abordagens SPEAKER DESIGN.” (SHILLING-ESTES, 2002, p. 339, tradução nossa.).

3 Metodologia

A fim de viabilizarmos a proposta de análise deste trabalho, recorreremos a um *corpus* oral previamente elaborado do âmbito do espanhol peninsular. Nossa escolha por esse tipo de *corpus* pautou-se pelas questões levantadas na seção introdutória, isto é, a relativa escassez de trabalhos sobre as formas de tratamento, nessa variedade do espanhol. Ademais, objetivamos diversificar o método de coleta que, como expusemos, são majoritariamente questionários e textos literários. Desse modo, empreendemos uma pesquisa sobre os *corpora* já compilados e publicados que atendessem esses nossos objetivos.

Sendo assim, recorreremos ao *Proyecto para el estudio sociolingüístico del español de España y de América* (PRESEEA) por abrigar equipes de vários países do mundo hispano, empenhadas em constituir uma grande amostra sociolinguística que viabilizem pesquisas sob diversas perspectivas em língua espanhola. Destarte, dentre os *corpora* disponíveis relativos a cidades espanholas, optamos por trabalhar com o *corpus* da cidade de Valência em virtude do desenho metodológico de suas entrevistas. Nessas o conjunto de módulos temáticos foi gravado considerando diferentes tipologias textuais (narrativa, argumentativa, descritiva, expositiva, dialogada), as quais, dependendo do propósito comunicativo, podem apresentar certa variação estilística. Desse modo, considerando a abordagem da dimensão estilística da variação proposta neste trabalho, pareceu-nos oportuno o uso do *corpus* intitulado *Proyecto para el estudio sociolingüístico del español de Valencia* (PRESEVAL).

Desenhado em 1996 e finalizado em 2006, o *corpus* PRESEVAL seguiu os critérios estabelecidos na metodologia desenhada pelo PRESEEA, assim como as demais equipes que integram este *macrocorpus*. A amostra original do material com o qual trabalhamos é constituída pelas entrevistas de 74 informantes, estratificados nas seguintes variáveis: *sexo*, agrupados em homens e mulheres; *idade - faixa etária 1* (de 20 a 34 anos), *faixa etária 2* (de 35 a 54 anos) e *faixa etária 3* (acima de 55 anos); *escolaridade - nível baixo, nível médio e nível alto e língua habitual* dividida em castelhano-falantes e bilíngues.

Para este estudo, selecionamos 36 entrevistas, estratificadas a partir das variáveis *sexo* (homem e mulher), *idade* (faixa etária 1, 2 e 3) e *escolaridade* (alta e baixa). Essa amostra encontra-se publicada em dois volumes (GÓMEZ MOLINA, 2001, 2007). No que se refere a

essa última variável, alguns estudos evidenciam que os indivíduos que tiveram um maior tempo de escolarização produzem mais variedades consideradas padrão do que aqueles que estiveram menos tempo de ensino formal (COELHO *et al.*, 2015). A fim de verificarmos se esse comportamento se repete no estudo em questão, optamos por trabalhar apenas com os extremos do grupo de fatores *escolaridade*, ou seja, com os níveis *alto* e *baixo*.

Isso não significa que o nível de escolaridade *médio* não seja relevante para revelar padrões de variação e possa ser descartado. Mas, de acordo com os trabalhos consultados (cf. HUMMEL; HKLUGE; VÁZQUEZ LASLOP, 2010), percebemos certa polarização no uso de uma variante ou outra no que se refere às formas *tú* e *usted* relacionada à *escolaridade*. O índice de uso dessas formas pelos falantes com escolaridade mediana, nesses estudos, tem, geralmente, se aproximado de um dos extremos mencionados anteriormente. Desse modo, acreditamos que isso possa viabilizar a nossa pesquisa no que tange à escolha pela exclusão do nível *médio* de *escolaridade*.

Neste ponto, também é imperioso ressaltar que formaram parte da nossa amostra apenas as formas *tú* e *usted* em posição de sujeito oracional. Consideramos, igualmente, as formas implícitas e explícitas desses pronomes. Adotamos essa perspectiva em virtude de, segundo Matte Bon (2008), diferentemente de outras línguas, o pronome sujeito, em língua espanhola, nem sempre vir explícito no contexto. Esse gramático esclarece que o verbo já carrega as marcas pessoais, inclusive na língua falada, e é categórico ao afirmar: “[...] en español, el pronombre sujeto aparece solo cuando al hablante le parece indispensable para la correcta comprensión de sus intenciones comunicativas”.⁷ (MATTE BON, 2008, p. 249). Esse aspecto possibilita, pois, a comutação das formas pronominais de tratamento por seus respectivos paradigmas verbais.

Posterior à análise do *corpus* e coleta, categorizamos esses dados com as seguintes variáveis estilísticas: *estilo discursivo*, *complexidade do assunto* e *relação de proximidade entre os interlocutores*. Esses dados passaram por um tratamento estatístico oportunizado pelo programa Goldvarb (2005), do conjunto de programas computacionais VARBRUL,

⁷ “[...] em espanhol, o pronome sujeito aparece somente quando, ao falante, parece-lhe indispensável para a correta compreensão de suas intenções comunicativas” (MATTE BON, 2008, p. 249, tradução nossa).

do inglês, *Variable Rules Analysis*. Consoante a Guy e Zilles (2007), esse *software* é bastante utilizado nos estudos sociolinguísticos porque foi projetado para lidar com fenômenos variáveis e possibilitar uma análise multivariada.

Para o *estilo discursivo narrativo*, a nossa hipótese é de que haverá maior uso de *tú* que nos outros estilos não narrativos. Ancoramos no estudo de Silva (2016), que atesta que as sequências narrativas, em especial as que envolvem experiência pessoal, têm certa influência positiva na expressão de formas linguísticas consideradas informais. Por outro lado, ponderamos que, no *estilo argumentativo*, haverá predominância de *usted*, supondo que, nessa sequência, o falante fará uso de uma fala mais cuidada. A equipe do PRESEVAL selecionou, para essa sequência, alguns temas mais delicados, que possivelmente exijam um maior conhecimento do informante. Desse modo, acreditamos haver maiores condições de monitoramento da fala. Em seguida, apresentamos os fatores que compõem essa variável de controle com seus respectivos exemplos:

a) Narrativo

- (1) [...] yo digo bueno/ *YO HAGO LA PAELLA/ si me traéis aquí lo que yo os pida// y la suegra/ de mi mu- de mi hija/ lo que **uste(d)** quiera/ lo que **uste(d)** pida le traemos// **mira** lo primero que **tiene** que hacer es// los animales/ caseros// si ahí en el corral tenemos de todo/ pato conejo y pollo// vale// para cuántos/ son- vamos a ser// pues treinta y tantos/ treinta y tres treinta y cuatro/ según// pues quiero esto esto esto y esto (eu digo bom/ *EU FAREI A PAELLA/ se me trouxerem aqui o que eu lhes peça// e a sogra/ da minha mu- da minha filha/ o que **você** quiser/ o que **você** pedir lhe trazemos// **olhe** o primeiro que **deve** fazer é// os animais/ caseiros// se aí no quintal temos de tudo/ pato coelho e galinha// ok// para quantos/ somos// pois trinta e tantos/ trinta e três e quatro/ segundo// pois quero isto isto e isto)**

(ENTREVISTA 19 – VAL01913HB05)

b) Expositivo

- (2) [...] hombre depende dee- dee- dee- de la cantidad de gente/ o de- de cómo lo quisieras hacer/ si **quieres** hacer un bautizo// por todo lo alto dee- dee- de- de gente/ o que **quieras** hacer una cosa familiar (rapaz depende dee- dee- dee- da quantidade de gente/ ou de- de como **queiras** fazê-lo/ se **queres** fazer um batizado// para muitas pessoas/ ou se **queres** fazer uma coisa familiar)

(ENTREVISTA 06 – VAL00613MB01)

c) Descriptivo

- (3) [...] las berenjenas rellenas/ las berenjenas rellenas pueess/ yo las cojo cojo las pieza(s)/ y la- la berejena la abro así/ a la mitad ¿no?/ a lo largo/ la pongo en dos partes/ yy le **vacías** lo de dentro/ ¿sí?/ y eso de dentro lo **cocinas** con cebolla/ con carne picada/ y con condimentos así// yy cuando está todo eso lo **vuelves** a meter/ en la berenjena/ y lo **metes** al horno// (as berinjelas recheadas/ as berinjelas recheadas pois/ eu as pego pego as partes e a- a berinjela a abro assim/ à metade né?/ durante/ coloco-a em duas partes/ e **tiras** o que tem dentro/ certo? e isso que tem dentro o **cozinhas** com cebola/ com carne picada/ e com temperos assim// ee quando está tudo isso **voltas** a meter/ na berinjela/ e o **metes** no formo//)

(ENTREVISTA 21 – VAL02111HC06)

d) Argumentativo

- (4) [...] los principales problemas pues/ eel- el básico// desde que prohibieron pegar el cachete/ la falta de educación// ¿me **comprende**?/ y falta de ideas/ si ahora- si los padres ya dee/ hablo- mis hijos mismo que ya con treinta y siete o treinta y ocho años// ¿eh?// llega a los chiquillos y le compran doscientos juguetes// ¿me **comprende**?/ el chiquillo no piensa na(da) más que en jugar/ ¿eh?/ *es quee al chiquillo no se le puede pegar uun cachete porquee- porquee ha tira(d)o una pedrá(da)/ pues si no le **pegas** un cha- cachete ahora después noo- no le **podrás** decir nada/* y ese es el problema que veo yo cara la juventud (os principais problemas pois/ oo- o básico// desde que proibiram dar palmadas/ a falta de educação// me **entende**?/ a falta de ideias/ se agora- se os pais já dee/ falo- meus filhos mesmo que

já com trinta e sete ou trinta e oito anos// eh?// você chega às crianças e lhes compram duzentos brinquedos// me **entende**? o menino não pensa em outra coisa a não ser em jogar/ né?! *é que não se pode dar umas palmadas na criança porque- porque a jogado uma pedra/ pois se não lhe **das** uma pal- palmada agora depois não- não **poderás** dizer-lhe nada/ e esse é o problema que eu vejo diante da juventude)*

(ENTREVISTA 02 – VAL00213HB01)

e) Dialogal

- (5) [...] se dijeron *mira si **tienes** otro hijo y no lo **puedes**/ criar y **tú** no lo **puedes** criar/ me lo criaré yo/ (se disseram *olha se **tens** outro filho e não o **podes**/ criar e tu não **podes** criá-lo/ eu o criarei/)**

(ENTREVISTA 24 – VAL024333MB00)

No que tange à variável complexidade do assunto, na visão de Freitag (2003), avaliar essa complexidade em *mais complexo* e *menos complexo* é uma tarefa delicada, pois o grau de complexidade de um assunto é aferido por cada falante. Falar sobre política, por exemplo, pode ser menos complexo para um vereador e mais complexo para uma dona de casa, conforme ilustra a autora. No entanto, Freitag (2003) assume que a distinção entre assuntos mais complexos e assuntos menos complexos pode dar-se no fato de o falante ter experienciado ou não o assunto. Dessa forma, assuntos que foram experienciados ou presumidamente experienciados devem apresentar menos complexidade do que os assuntos não-experienciados. Sendo assim, optamos por controlar o núcleo temático abordado nos estilos discursivos a fim de verificar se há alguma correlação com o tipo de assunto abordado e a forma pronominal utilizada. Para isso, adotamos o refinamento desenhado por Freitag (2003), estabelecendo os seguintes fatores:

a) Assuntos mais complexos

- (6) [...] ¡**oiga!** mientras han esta(d)o en mi casa/ mientras han esta(d)o en mi casa/ ¿eh?/ mi hijo yoo lo veo en la televisión que ha esta(d)o o haciendo caballitos/ con cascos y tal/ y no le digo nada porque no me parece bien/ pero ¡vamos! a los veinte años se hacen esas tonterías/ ¿me **comprende**?/ a los veinte o veinticinco/ pero/ lo

que ¿sin casco?/ el mío no/ yo le quemó la moto (**olhe!** enquanto estiverem em minha casa/ enquanto estiverem em minha casa/ meu filho eu o vejo na televisão que esteve fazendo acrobacias com a moto/ com capacete e tal/ e não lhe digo nada porque não vejo bem/ mas claro! aos vinte anos eles fazem essas estupidezes/ me **entende?** aos vinte ou vinte e cinco/ mass/ o que sem capacete?/ o meu não/ eu queimo-lhe a moto)

(ENTREVISTA 02 – VAL00213HB01)

b) Assuntos menos complexos

- (7) espaguetis aa/ la carbonara/ pues **cueces** los espaguetis/ mientras tanto **cortas** el champiñón a trocitos// ee/ **fries** el champiñón/ luego **echas** el beicon porque tarda menos en freírse que el champiñón// le **pones** la nata por encima// y luego toda esa mezcla se la **pones** a los espaguetis ya hechos y/ limpios/ y ya está (espaguetes à-à/ à carbonara/ pois **cozinhas** os espaguetes/ enquanto isso **cortas** o cogumelo em pedacinhos// ee/ **fritas** o cogumelo/ em seguida **colocas** o bacon porque demora menos a fritar que o cogumelo// **colocas** a nata por cima// e em seguida toda essa mescla **colóca-la** nos espaguetes já feitos e/ limpos/ e pronto)

(ENTREVISTA 24 – VAL02411MB06)

Em nossa pesquisa, consideramos *assuntos mais complexos*, por exemplo, temas como: problemas sociais atuais, conflitos geracionais, vantagens e inconvenientes do serviço militar, problemas da juventude atual, massificação universitária, imigração, persuasão aos filhos sobre drogas, cigarro e bebidas, insegurança cidadã. Por outro lado, estabelecemos como *assuntos menos complexos* os seguintes temas: infância, escola, primeira comunhão, jogos, festas daquela época, férias passadas, como conheceu o(a) companheiro(a), a casa, o bairro, os domicílios anteriores, o lugar de veraneio, as reformas na moradia. Portanto, defendemos que o falante fará o uso da variante *usted*, quando trate de assuntos considerados *mais complexos* (exemplo 6). Havendo a necessidade de se posicionar sobre um tema, muitas vezes não experienciado, acreditamos que haverá um maior monitoramento da fala. Por outro lado, ponderamos que *tú* será predominante quando houver maior familiaridade com o tema, sendo, portanto, assuntos *menos complexos* (exemplo 7).

Quanto à variável *relação de proximidade entre os interlocutores*, Valle e Görski (2016, p. 39) chamam a atenção para a possibilidade de os interlocutores possuírem um maior vínculo, na entrevista, quando possuem o mesmo sexo, idade e grau de escolaridade próximos. Desse modo, para conceber essa variável, adaptamos o instrumental de análise elaborado por essas autoras, considerando, assim como essas, os seguintes critérios para medir o grau de proximidade entre o entrevistador e o(a) entrevistado(a): *simetria de idade*, *simetria de sexo* e *simetria de escolaridade*.

Para cada critério arrolado acima, estabelecemos dois níveis de proximidade e, para cada nível, atribuímos uma pontuação a partir da qual indicamos haver uma maior ou menor proximidade entre entrevistador e entrevistado. Desse modo, determinamos o valor de (0,5) quando houvesse uma maior proximidade, entre esses indivíduos, nos critérios supra, e (0) quando a proximidade fosse menor. Foi a partir do somatório desses valores que construímos a variável complexa em questão. Observemos o quadro 1 para uma melhor compreensão.

QUADRO 1 – Pontuação dos critérios para construção da variável complexa *relação de proximidade entre os interlocutores*

Simetria de idade	
0,5 -	Entrevistado pertencente à mesma faixa etária do entrevistador
0 -	Entrevistado de faixa etária diferente
Simetria de Escolaridade	
0,5 -	Entrevistado pertencente ao mesmo nível de escolaridade do entrevistador
0 -	Entrevistado com nível de escolaridade diferente ao do entrevistador
Simetria de sexo	
0,5 -	Interlocutores com mesmo sexo
0 -	Interlocutores com sexo diferente

O resultado da somatória desses critérios varia de 0 a 1,5 pontos. Assim, tais valores foram transformados em fatores que nos ajudaram a controlar a variável mencionada. São eles: *distanciamento*, quando o valor após a somatória tenha sido (0 – 0,5); *proximidade intermediária*,

quando os valores somados chegassem a (1,0) e *proximidade alta*, com (1,5) de pontuação. No exemplo (8), abaixo, o entrevistado não pertence à mesma faixa etária, nem ao mesmo nível de escolaridade que o entrevistador, aproximando-se, apenas, no critério sexo, pois são ambos do sexo masculino. Desse modo, a pontuação atribuída a esse entrevistado foi apenas de 0,5, classificando-se, assim, como uma relação de *distanciamento* com o entrevistador, segundo o instrumental de análise acima descrito. Em (9), o entrevistado distancia-se no critério escolaridade, mas possui o mesmo sexo e encontra-se na mesma faixa etária que o entrevistador, estabelecendo-se, portanto, uma *proximidade intermediária* com (1,0) de pontuação. Já em (10), entrevistador e entrevistado estão no mesmo nível de escolaridade, idade e sexo. Esse indivíduo obtém, assim, 1,5 no somatório final e enquadrando-se em uma relação de *proximidade alta* com o entrevistador.

Isso posto, assim como as autoras supramencionadas, hipotetizamos que os contextos de maior proximidade entre os interlocutores sejam favorecedores da variante *tú* em detrimento de *usted*, pressupondo que esta última é mais esperada em contextos em que há uma assimetria nas relações.

a) Distanciamento

- (8) [...] pero yo cogí al alcalde y digo/ *bueno/ señor alcalde//* que era un tal don/ mm Salvador Grancha/// en la República/ *señor alcalde/ ¡bueno!!! ya está todo claro/ ¿no pasa nada?/ ¿no es ...?// nada// bueno pues/ ahora devuélvale **usted** el revólver a mi padre/// ¿cómo voy a devolver el revólver yo y tal?/ mi padre/ calla tal/ no/ ¡**usted** es un ladrón!// **usted** me ha roba(d)o el revólver a mí/ y el revólver es de mi padre y **usted** se lo tiene que devolver// bien así pasó la cosa/ pero// nada más (mais eu peguei o prefeito e digo/ *bom/ senhor prefeito//* que era um tal de Salvador Grancha/// na República/ *senhor prefeito/ bom!!! já está tudo claro/ tudo bem?/ não é ...?// então// bom pois/ agora **você** devolva-lhe o revólver ao meu pai/// como eu vou devolver o revólver e tal?/ meu pai/ *cala tal/ não/ **você** é um ladrão!// **você** me roubou o revólver/ e o revólver é do meu pai e **você** tem de devolvê-lo//* bem assim aconteceu/ mas// nada mais)**

(ENTREVISTA 05 – VAL00513HB01)

b) Proximidade intermediária

- (9) [...] no **puedes** emplear dos horas aa cuatro mil pesetas la hora/ si la pieza nueva vale nueve mil// aunque le cueste un poco más/ se le pone una pieza nueva que siempre es nueva/ no **tienes** que andar reparándosela/ (não **podes** empregar duas horas aa quatro mil pesetas a hora/ se a peça nova vale mil// ainda que lhe custe um pouco mais/ põe-lhe uma peça nova que sempre é nova/ não **tens** que andar concertando-a/)

(ENTREVISTA 09 – VAL00912HC02)

c) Proximidade alta

- (10) [...] me gustaría criar animales// y hacer bien a los demás/ o sea/ pero para hacer bien a los demás primero **tienes** que ofrecerte/ y después tener POSIBILIDADES/ claro/ si no **tienes** tampoco **puedes** hacer mucho (eu gostaria de criar animais// e fazer bem aos demais/ ou seja/ mas para fazer bem aos demais primeiro **tens** que oferecer-te/ e depois ter POSIBILIDADES/ claro/ se não **tens** também não **podes** fazer muito)

(ENTREVISTA 15 – VAL01532HB99)

Conforme é possível notar, disponibilizamos a tradução dos trechos selecionados para a língua portuguesa. No entanto, ressaltamos que abstraímos questões pragmáticas quanto ao uso dos pronomes nessa língua e mantivemos a equivalência pronominal e verbal das formas que aparecem nos trechos de fala em língua espanhola, quando da tradução. Somos cientes de que o processo tradutório não é uma simples passagem de uma língua para outra, mas, conforme Hurtado Albir (2011), requer do tradutor uma “competência tradutora”. Contudo, como o fenômeno em análise é oriundo da língua espanhola e trabalhamos com o sistema pronominal de tratamento de segunda pessoa dessa língua, desconsideramos os contextos de uso dos pronomes *tu* e *você*, bem como o seu paradigma verbal.

4 Análise dos resultados

Após a etapa de rodagem dos dados, obtivemos um total de 1.286 dados referentes às variantes *tú* e *usted*. Desse quantitativo, 1.185 foram de uso de *tú* (92,1%) e 101 de *usted* (7,9%). Tendo em vista a expansão

do fenômeno *tuteo* em vários territórios em que o espanhol é língua oficial, estabelecemos a variante *tú* como regra de aplicação e, a partir disso, o programa estatístico selecionou as seguintes variáveis como significativas para a variação em questão: *complexidade do assunto* e *estilo discursivo*, nessa ordem de significância. Por outro lado, para a nossa surpresa, a variável *relação de proximidade entre os interlocutores* não demonstrou significância estatística. Em seguida, procederemos à análise e discussão dos dados das variáveis significativas e, por último, discutiremos a variável descartada pelo programa Goldvarb (2005).

TABELA 1 – Atuação do grupo de fatores *complexidade do assunto* no uso da variante *tú* versus a variante *usted*

Grupo de fatores	Aplicação/Total	Percentual (%)	Peso Relativo
Assuntos menos complexos	933/1001	93.2	0.639
Assuntos mais complexos	252/285	88.4	0.119

Fonte: Elaborada pelos autores.

Pela ordem de significância, a variável complexidade do assunto foi o primeiro grupo de fator selecionado pelo programa estatístico. Como podemos observar na Tabela 1, os resultados corroboram a nossa hipótese inicial, segundo a qual, em temas considerados mais complexos, os informantes apresentariam maior uso da variante *usted* frente ao uso feito de *tú*. Por outro lado, em *assuntos menos complexos*, o uso de *tú* seria imperativo, uma vez que, indo em direção contrária ao outro uso, os falantes produziram uma fala menos monitorada. O peso relativo atribuído a cada tipo de complexidade do assunto foi bastante significativo. Em *assuntos mais complexos*, chegou-se a (0.119), conforme a tabela acima. Sabemos que, quanto mais próximo de 0,0, menor é a influência da variante selecionada como regra de aplicação, na presença do fator analisado. Nesse ponto, acreditamos que o falante exerce um maior monitoramento da fala, pois, em alguns momentos, precisa posicionar-se sobre assuntos que não foram experienciados, como, por exemplo, o uso de drogas feito por um filho. Ademais, ao ter de se posicionar, essa mudança de estilo pode ser uma reação à audiência ali presente. De acordo com Bell (1984), o falante adequa o seu discurso em função dos seus interlocutores, nesse caso, o entrevistador que, no *corpus*

PRESEVAL, é um professor do Departamento de Filologia Espanhola da Universidade de Valência.

Em outro extremo, na presença do fator *assuntos menos complexos*, a variante *tú* exerce considerável influência, como evidencia o peso relativo atribuído (0.639). No exemplo apresentado em seguida, a informante afirma que a primeira coisa com a qual se preocupa em uma festa é a comida. Isso deixa claro que se trata de um tema experienciado por ela, e, portanto, quando o entrevistador pede que lhe explique a elaboração de um prato, essa tarefa não parece exigir esforço algum por parte da entrevistada. Apoiando-nos em Freitag (2003), acreditamos que assuntos experienciados ou presumidamente experienciados devem ser menos complexos para o falante do que assuntos que não foram experienciados, conforme expomos anteriormente.

- (11) es/ poner leche/ si lo **quieres** con leche poner la leche en el fuegooo y cuando estáa yaa calentiita **vas** echando el chocolatee lo **vas** movieendo movieendo/ que no se apelmace/ yy- y queda espesito espesito y muy bien/ puede ser también con agua/ pero ya no está tan bueno/ ssi te parece que está poco dulce el chocolate lo **pruebas** y p- **pones** um poquito más/ pero ¡bueeno! los chocolates siempre están/ muy muy ricos (risas) (é/ colocar leite/ se o **quieres** com leite colocar o leite no fogoo e quando jáa estáa quentiinho **vais** colocando o chocolate e o **vais** mexeendo mexeendo/ não é para deixar endurecer/ ee- e fica grossinho grossinho e muito bem/ pode ser também com água/ mas já não fica bom/ se te parece que está um pouco doce o chocolate **prova**-o e c- **colocas** um pouquinho mais/ maaas/ os chocolates sempre estão/ muito muito gostosos (risos))

(ENTREVISTA 24 – VAL024333MB00)

Os usos dessas variantes, nesses contextos, também evidenciam uma variação no estilo de fala. Lucca (2005), por exemplo, atribui o uso realizado em temas menos familiares ao contexto *soapbox* da categoria de fala monitorada de Labov (2001). Para a pesquisadora, nesse tipo de fator, o informante sente a necessidade de se posicionar em relação a um determinado tema, de ser convincente. Conseqüentemente, essa atitude o aproxima do uso da variedade padrão, pois sua fala tende a ser mais planejada e, portanto, fará maior uso da variante de prestígio.

Semelhante a Lucca (2005), podemos atribuir os trechos de fala dos informantes às categorias e subcategorias elaboradas por Labov (2001) ao propor o modelo de *árvore de decisão*. Se observamos, quando o falante discorre sobre suas experiências de vida, narrativas de infância, o que envolve temas como primeira comunhão, festas e jogos da infância, casa, férias etc., registra-se um estilo de fala mais casual típico das subcategorias *narrativa* e *infância*. Por outro lado, quando o falante opina de maneira genérica sobre algum tema e não direciona o discurso diretamente para o entrevistador, mas a um público mais amplo (subcategoria *soapbox*), faria uso de uma fala mais cuidada. No entanto, em vários momentos das entrevistas, flagramos o uso do *tuteo* impessoal, mesmo em assuntos em que o informante teria de opinar sobre temas considerados, por nós, como mais complexos, como podemos observar no exemplo abaixo:

(12)[...] cuando van hacer oposición/ se desalientan muchísimo porque resulta que/ hayy cantidad de gente que se presenta/ yy hay poquíssimas plazas/ entonces de entrada ya van un poco vencidos/ yy- y **tienes** que (chasquido)/ no sé/ mm/ darles una fuerza moral para que sigan adelante/ (quando eles vão prestar concurso/ se desanimam muitíssimo porque acontece que/ há muitos concorrentes/ ee há poquíssimas vagas/ então já começam um pouco vencidos/ ee- e **tens** que (estalo)/ não sei/ mm/ dar-lhes força moral para que eles continuem adiante/)

(ENTREVISTA 10 – VAL01033MB98)

Nesse trecho, a informante é interpelada sobre quais são os problemas enfrentados pela juventude. Através de marcas linguísticas como “no sé” e repetições como “yy- y”, “mm” sobre as quais a informante se apoia para planejar o discurso, percebemos certa insegurança ao opinar, o que pode tratar-se de um assunto mais complexo para ela. Apesar da relação utilizada entre entrevistador e entrevistada ser de iguais não solidários, ou seja, *usted – usted*, registra-se na fala dessa o uso de *tú* impessoal. Assim como afirma Lucca (2005), ponderamos que esse uso pode estar atrelado ao fato de, em consequência do assunto abordado e mesmo sem ter consciência disso, o falante alterna o estilo indeterminando o referente para generalizar o discurso.

TABELA 2 – Atuação do grupo de fatores *estilo discursivo* no uso da variante *tú* versus a variante *usted*

Grupo de fatores	Aplicação/Total	Percentual (%)	Peso Relativo
Expositivo	104/105	99.0	0.868
Argumentativo	327/348	94.0	0.721
Dialogal	190/201	94.5	0.519
Descritivo	218/230	94.8	0.436
Narrativo	346/402	86.1	0.230

Fonte: Elaborada pelos autores.

A variável *estilo discursivo* ocupa o segundo lugar na ordem de significância estabelecida pelo programa estatístico Goldvarb (2005). Como podemos observar na Tabela 2, os *estilos expositivos, argumentativos e dialogal*, apresentam o peso relativo 0.868, 0.721 e 0.519, respectivamente. Em seguida aparecem o *estilo descritivo e narrativo*, com os pesos relativos 0.436 e 0.230, respectivamente. Os dados contrariaram as nossas expectativas, pois esperávamos, por exemplo, que o *estilo narrativo* liderasse com o uso de *tú*, já que, em narrativas pessoais, as formas tidas como informais são mais expressivas (SILVA, 2016). Por outro lado, hipotetizamos que *estilos* cuja exigência de conhecimento fosse maior por parte do falante, como o *estilo argumentativo*, o uso de *usted* seria predominante. Isso se justificaria porque, nesses contextos, o falante, ao ter de se posicionar sobre determinado assunto, teria um *estilo* de fala mais cuidada.

Os dados apresentados causaram-nos bastante surpresa. Portanto, acreditamos que outros fatores possam ter influenciado tais resultados quando da rodada multivariada. Nesse tipo de análise, a atuação de um fator é controlada ao mesmo tempo em que se controlam a atuação dos demais fatores elencados na pesquisa (GUY; ZILLES, 2007). Desse modo, para checar a influência de outros fatores sobre os resultados para a variável analisada em questão, decidimos pelo cruzamento estatístico, a fim de encontrarmos dados que nos ajudassem a explicar o panorama apresentado na Tabela 2.

Ponderamos que o tema abordado na entrevista possa ter exercido influência no índice de uso do *tuteo*. Em outras palavras, consideramos que se o falante opina ou expõe sobre um assunto que é, por exemplo,

mais pessoal, mais familiar, mais experienciado, a tendência seria o uso da variante *tú*. Por outro lado, ao ter de argumentar sobre algo mais formal como política, economia, etc., a preferência seria pela variante *usted*, conforme explicitamos anteriormente. Dessa forma, a escolha entre uma variante ou outra estaria mais vinculada ao assunto abordado do que ao estilo discursivo. Na Tabela 3, apresentemos os resultados desse cruzamento.

TABELA 3 – Cruzamento entre os grupos de fatores *estilo discursivo* e *complexidade do assunto*

Grupo de Fatores		<i>Tú</i>	Percentual (%)	<i>Usted</i>	Percentual (%)
Narrativo	Assuntos menos complexos	342	88	46	12
	Assuntos mais complexos	4	29	10	71
Expositivo	Assuntos menos complexos	93	99	1	1
	Assuntos mais complexos	11	100	0	0
Argumentativo	Assuntos menos complexos	107	99	1	1
	Assuntos mais complexos	220	92	20	8
Descritivo	Assuntos menos complexos	218	95	12	5
	Assuntos mais complexos	0	0	0	0
Dialogal	Assuntos menos complexos	173	96	8	4
	Assuntos mais complexos	17	85	3	15

Fonte: Elaborada pelos autores.

Ao observarmos a tabela 3, de fato, quando comparamos o uso feito da variante *tú* nos *assuntos menos complexos*, verificamos o seu percentual de uso sempre acima do percentual nos *assuntos mais complexos*, apesar de esses serem igualmente elevados. No entanto, precisamos olhar com cautela para esses resultados, pois, em alguns contextos com *assuntos mais complexos*, percebemos a ausência de uso da variante *usted*, como no estilo *expositivo* e em ambos os contextos no estilo *descritivo*. Resguardado esse aspecto, também observamos o percentual de uso mais saliente, dessa variante, nos contextos com *assuntos mais complexos* do que em *assuntos menos complexos*.

Ao olharmos, separadamente, para os percentuais de uso da variante *tú* e *usted* nos estilos *narrativo* e *argumentativo*, e se levarmos em consideração a quantidade de uso dessas variantes, percebemos que, neste estilo, *usted* apareceu mais que nos outros estilos (20 dados) e, justamente, em contextos com *assuntos mais complexos*. Obviamente notamos, como exceção, o estilo *narrativo*. Esse é um estilo em que há maior produção de fala do informante. Portanto, a possibilidade de essa variante emergir nesse estilo era superior aos demais. Isto é, contexto com mais dados, maiores são as chances de uma variante ocorrer. Por outro lado, observamos que, nesse estilo, o uso da variante *tú* é maior que o uso realizado em todos os demais estilos (342 dados). Dessa forma, parece-nos que os resultados não contrapõem o que aporta a literatura, mas a contrariam em função do tipo de assunto abordado na interação comunicativa.

Por fim, é interessante abordarmos outro aspecto da variação entre essas formas, relacionado ao nível de consciência do falante. Seguindo a Schilling-Estes (2002), sabemos que a mudança de estilo pode dar-se tanto de modo consciente como de modo inconsciente, ou seja, o falante usa determinadas variantes sem ao menos perceber que as está usando. Ao longo da coleta dos dados, notamos que ambas perspectivas sobre o estilo (SCHILLING-ESTES, 2002; BELL, 1984) parecem permear as entrevistas e podem, também, explicar os resultados em questão. Por um lado, observamos uma mudança de estilo que parece ser consciente onde o falante adapta a sua fala tendo em vista o seu interlocutor, o que nos remete ao modelo de *Audience Desing* proposto por Bell (1984). Lembremos que, para esse autor, o falante alterna o seu estilo de fala para se assemelhar ao seu interlocutor. Nos exemplos (13) e (14), a informante que, no início da entrevista, refere-se ao entrevistador utilizando *usted* alterna para *tú* a partir da metade da entrevista. Vale ressaltar que o tratamento utilizado pelo entrevistador foi, desde o início, *tú*. Confirmamos os exemplos⁸ que, apesar de ser utilizado o paradigma pronominal dessas formas, evidenciam sua alternância:

⁸ Advertimos que os exemplos, por ora apresentados, foram analisados apenas qualitativamente a fim de ilustrar a alternância pronominal realizada pela entrevistada. Tais exemplos não participaram das rodadas estatísticas por serem pronomes que não assumem a posição de sujeito na oração, perspectiva essa que adotamos para esta pesquisa, conforme expomos na seção referente à metodologia.

- (13) si yo **le** fuera a vender mi piso/ hombre pues yoo lo primero que diría es su situación/ [...] (se eu fosse vender-**lhe** o meu apartamento/ rapaz pois eeu a primeira coisa que eu diria era a sua situação/ [...])

(ENTREVISTA 14 – VAL01431MC99)

- (14) yo- yo ya **te** he dicho/ que sólo voy a dos o tres sitios (risas)/ (eu- eu já **te** disse/ que só vou a dois ou três lugares (risos)/)

(ENTREVISTA 14 – VAL01431MC99)

Como podemos observar, a alteração de uma relação assimétrica para uma simétrica, operada pela informante, não nos parece aleatória, mas ela tem consciência de sua fala tendo em vista um interlocutor que lhe *tutea*. Por outro lado, em vários inquéritos, a relação estabelecida entre os interlocutores, desde o início das entrevistas, é simétrica com o uso de *tú – tú*. Também podemos supor que possa haver aí um uso inconsciente dessa forma, oriundo das transformações sociais contemporâneas que têm dado grande pujança ao uso do *tuteo* nas comunidades de fala espanhola.

Uma vez apresentados os dados e as discussões das variáveis que mostram significância para o fenômeno variável em estudo, teceremos comentários acerca do grupo de fatores descartado pelo *software* por não ser estatisticamente significativo na presença da variante *tú* como regra variável. Optamos por inclui-la neste estudo, pois, de acordo com Guy e Zilles (2007), não discutir os dados negativos da análise é um procedimento que não contribui para o avanço da ciência.

TABELA 4 – Distribuição dos pronomes *tú* versus *usted* de acordo com a *relação de proximidade entre os interlocutores*

Grupo de fatores	Aplicação/Total	Percentual (%)
Proximidade alta	77/81	95.1
Distanciamento	705/764	92.3
Proximidade intermediária	403/441	91.4

Fonte: Elaborada pelos autores.

A hipótese inicial era a de que os contextos em que houvesse maior proximidade entre os interlocutores fossem favorecedores da

variante *tú*. Por outro lado, a variante *usted* seria mais utilizada nas relações marcadas pelo *distanciamento*. No entanto, tivemos nossa expectativa frustrada pela falta de insignificância estatística evidenciada pelo programa Goldvarb (2005). Somos sabedores de que o peso relativo tem destaque em delinear padrões de variação e mudança, no entanto, a frequência de uso também participa desse processo. Desse modo, como podemos observar na Tabela 4, há uma porcentagem relativamente alta de uso da variante *tú* nos três fatores, encabeçada pela *proximidade alta* (95.1%). Ao observamos a aplicação da variante *usted* em nossos dados, esta apareceu de forma mais saliente (59 dados) entre os indivíduos caracterizados por uma relação de *distanciamento* com o entrevistador, frente aos de proximidade *intermediária* (38 dados) e *alta* (4 dados), respectivamente.

Sabemos que as formas utilizadas pelos falantes para se referir ao seu interlocutor constituem um fenômeno bastante complexo e dinâmico. A teoria de Brown e Gilman (1960) joga luz sobre o modo como esses indivíduos utilizam esses elementos que, como sabemos, é inegável que sofrem pressão tanto de fatores próprios do indivíduo (*sexo, idade, nível de escolaridade etc.*) como de fatores intrínsecos à relação estabelecida entre os falantes (*familiaridade, distância, proximidade etc.*). Contudo, as escolhas operadas sobre as formas de tratamento são condicionadas, principalmente, pelo contexto sociocomunicativo e pelas características da comunidade de fala (MEDINA LÓPEZ, 2009).

Ora, se as formas linguísticas são um reflexo das estruturas sociais e essas, por sua vez, mudam no curso da história, uma interpretação mecanicista das formas de tratamento baseada apenas nos eixos do *poder* e da *solidariedade* ou mesmo uma visão pautada nos usos descritos pelas gramáticas normativas, parece-nos insuficiente para explicar alguns resultados, principalmente, diante do alto uso da variante *tú* em relações marcadas pelo distanciamento, no nosso caso. Como assevera Medina López (2009, p. 89), “Esta actividad del habla, sujeta a la negociación entre los participantes y el contexto, tampoco puede presentar una única dirección.”⁹

⁹ “Esta atividade de fala, sujeita à negociação entre os participantes e o contexto, tampouco pode apresentar uma única direção.” (MEDINA LÓPEZ, 2009, p. 89, tradução nossa).

No âmbito dos estudos da cortesia espanhola, fenômeno que tem contribuído com profícuos trabalhos sobre os usos das formas de tratamento nesse idioma, alguns autores, como Medina López (2009) e Carrasco Santana (1999), têm evidenciado uma simplificação no sistema de tratamento motivada pelas transformações que essa sociedade tem experimentado. Em palavras de Carrasco Santana (1999, p. 33-34):

[...] hay una tendencia en la sociedad española, desde hace unos años, a simplificar los usos lingüísticos con el fin de hacer más flexible la estratificación social y procurar que resulten más fluidas las relaciones humanas, que no son sino la expresión del deseo de una mayor igualdad entre los individuos. Esta tendencia se manifiesta en una menor utilización de fórmulas convencionales y ritualizadas de cortesía, en la progresiva desaparición de las fórmulas de tratamiento, en la extensión del tuteo en situaciones en que no existe familiaridad, etc., lo que está produciendo un progresivo cambio cualitativo en las selecciones corteses que hace que se evite, cada vez con más frecuencia, exteriorizar verbalmente la subordinación al otro por razón de autoridad.¹⁰

O fato de os informantes se reportarem ao entrevistador utilizando uma forma de tratamento mais próxima, isto é, *tú*, ainda que com este não comparta nenhuma característica que os coloque em uma relação mais ou menos igualitária, não nos parece uma transgressão do contexto comunicativo, um tratamento descortês, ou mesmo uma vontade de demonstrar familiaridade. O informante alterna o seu estilo em função da adequação nos usos dos estilos de cortesia experimentada pela sociedade espanhola. A explicação para a variação estilística no indivíduo, de acordo com Bell (1984), é produto da variação que existe na dimensão

¹⁰ “[...] existe uma tendência na sociedade espanhola, faz alguns anos, a simplificar os usos linguísticos com a finalidade de flexibilizar mais a estratificação social e deixar mais fluidas as relações humanas, que não são mais do que a expressão do desejo de uma maior igualdade entre os indivíduos. Esta tendência se manifesta em uma menor utilização de fórmulas convencionais e ritualizadas de cortesia, no progressivo desaparecimento das fórmulas de tratamento, na extensão do tuteo em situações nas quais não existia familiaridade, etc., o que está produzindo uma progressiva mudança qualitativa nas seleções corteses que faz com que se evite, cada vez com mais frequência, exteriorizar verbalmente a subordinação ao outro por razão de autoridade.” (CARRASCO SANTANA, 1999, p. 33-34, tradução nossa.)

social. No que tange ao contexto de uso de *tú*, Blas Arroyo (1994, p. 21) revela-nos que:

[...] el progreso que el empleo de tú ha experimentado en la mayoría de las comunidades de habla hispánicas, podría ser analizado como un reflejo de la tendencia creciente en sociedades modernas y democráticas, cada vez más permisivas, a limar prejuicios y jerarquizaciones sociales, lo que ha contribuido a una valoración crecientemente positiva del tuteo como forma de tratamiento adecuada—incluso cortés, como estamos viendo—en situaciones cada vez más numerosas.¹¹

Quanto aos resultados apresentados, precisamos olhar com reserva para o não favorecimento da variável em questão, pois, conforme explicitam Guy e Zilles (2007), existem muitos motivos que podem incidir na insignificância estatística de grupo de fatores, por exemplo, a insuficiência de dados. Além disso, esses autores ressaltam que o resultado para um determinado grupo pode ser significativo sozinho, mas perde significância diante de outros grupos quando da rodada multivariada. Desse modo, ponderamos que uma variável dessa natureza, cujo refinamento metodológico é bastante inovador, deva ser replicada e testada em estudos posteriores. Além disso, algumas pesquisas (cf. FREITES BARROS; OROZCO, 2010; ZAMBRANO CASTRO, 2010) têm demonstrado a sua influência na variação das formas de tratamento em espanhol.

5 Conclusão

Procurando investigar se o assunto abordado na entrevista era determinante para a variação entre *tú* e *usted*, analisamos a variável *complexidade do assunto*, adotando o refinamento estabelecido por Freitag (2003). Essa autora controlou esse grupo de fatores em termos de *assuntos mais complexos* e *assuntos menos complexos* e, assim, também

¹¹ “[...] o progresso que o emprego de tú tem experimentado na maioria das comunidades de fala hispânica, poderia ser analisado como um reflexo da tendência crescente nas sociedades modernas e democráticas, cada vez mais permisivas, a limar preconceitos e hierarquizações sociais, o que tem contribuído com uma valorização crescentemente positiva do tuteo como forma de tratamento adequada – inclusive cortês, como estamos vendo – em situações cada vez mais numerosas.” (BLAS ARROYO, 1994, p. 21, tradução nossa.)

o fizemos. Ponderamos que, ao tratar de *assuntos mais complexos*, o falante monitoraria mais a sua fala e faria mais uso de *usted*. Por outro lado, em *assuntos menos complexos*, pela familiaridade com o tema e muitos serem experienciados, o falante tenderia ao uso de *tú*. Os resultados corroboraram a nossa hipótese inicial, revelando que, na presença daquele fator, *tú* é desfavorecido, conforme peso relativo de (0.148). De fato, nesse contexto, *usted* apresentou mais ocorrências. Já no contexto em que o tema abordado era *menos complexo*, a forma de tratamento *tú* mostrou ser favorecida (0.622).

Assumindo que o *estilo discursivo*, presente na entrevista, pudesse influenciar o falante quanto à escolha da forma de tratamento para se reportar ao seu interlocutor, analisamos os estilos *expositivo*, *argumentativo*, *dialogal*, *narrativo* e *descritivo*. Acreditávamos que a variante inovadora seria predominante no estilo *narrativo* mais do que nos outros estilos, pois, conforme Silva (2016), as sequências narrativas fazem emergir formas linguísticas consideradas informais. Por outro lado, em estilos como o *argumentativo*, em que há ocorrências de temas que exigem um maior conhecimento do falante, acreditávamos que isso desencadearia uma fala mais cuidada, e, portanto, haveria destaque da variante *usted*. Para a nossa surpresa, os dados evidenciaram um propenso uso de *tú* nos estilos *expositivos* e *argumentativos* (0.890 e 0.751, respectivamente) e um desfavorecimento nos demais estilos: (0.394) no *estilo dialogal*; (0.341), no *estilo narrativo* e (0.251), no *estilo descritivo*, contrariando, assim, o que esperávamos para essa variável.

No que tange à variável *relação de proximidade entre os interlocutores*, refinamo-la em três fatores: *distanciamento*, *proximidade intermediária* e *proximidade alta*. Em uma primeira rodada, essa variável não mostrou significância para a variação entre *tú* e *usted* na comunidade de fala estudada. Acreditamos, então, que a amostra presente nos dois últimos fatores, que era menor no primeiro fator, pudesse ter alguma influência nesse resultado. Desse modo, decidimos amalgamá-los, pautando essa decisão em aspectos teóricos e quantitativos. Rodamos os dados novamente e, curiosamente, o programa selecionou essa variável como significativa. No entanto, ainda que em um primeiro momento tivéssemos hipotetizado que os contextos de maior proximidade entre os interlocutores favoreceriam o uso de *tú* em detrimento de *usted*, os resultados revelaram o contrário. O fator *distanciamento* favoreceu a forma *tú* com (0.622) de peso relativo, e os fatores amalgamados

proximidade intermediária/alta desfavoreceram-na (0.326). Esse resultado corrobora a visão de Blas Arroyo (1994), sobre a valorização do *tuteo* em mais contextos de uso, inclusive, em situações em que há uma hierarquização social, isto é, em relações regidas pela semântica do poder de Brown e Gilman (1960).

Por último, como é sabido, abordamos a variação entre as formas *tú* e *usted*, na comunidade de fala valenciana, considerando apenas as formas que estivessem em posição de sujeito na oração. Portanto, recomendamos a análise das supramencionadas formas para além dessa posição, abordando, por exemplo, as formas que aparecem como adjetivo ou pronome possessivo e pronomes oblíquos átonos ou tônicos. Um trabalho que assumisse essa perspectiva ofereceria, sem dúvida, uma amostra considerável e um mapeamento bastante relevante do uso dessas formas, nessa comunidade.

Contribuição dos autores

Os autores em questão trabalharam, conjuntamente, em todas as seções que compõem o referido trabalho. Este, como fruto da dissertação de José Victor Melo de Lima, foi, também, elaborado sob a orientação de Valdecy de Oliveira Pontes, orientador daquele na ocasião do mestrado. Destarte, nesta oportunidade, o olhar e a escrita de ambos os autores se entrelaçam durante todo o movimento retórico do artigo, desde a introdução, a seleção e resenha da teoria de base, o desenho metodológico, a análise dos resultados e a conclusão.

Referências

AIJÓN OLIVA, M. A.; SERRANO, M. J. Las bases cognitivas del estilo lingüístico. *Sociolinguistic Studies*, Vigo, v. 4, n. 1, p. 115-144, 2010. Disponível em: <https://journals.equinoxpub.com/index.php/SS/article/view/6108>. Acesso em: 17 jul. 2019.

BAGNO, M. *Dicionário crítico de sociolinguística*. São Paulo: Parábola editorial, 2017.

BELL, A. Language style as audience design. *Language in Society*, Cambridge, v. 2, n. 13, p. 145-204, 1984.

BLAS ARROYO, J. L. Los pronombres de tratamiento y la cortesía. *Revista de Filología*, Laguna, n. 13, p. 7-36, 1994.

BROWN, R.; GILMAN, A. The Pronouns of Power and Solidarity. In: SEBEOK, T. A. (ed.). *Style in Language*. Cambridge, Mass: MIT Press, 1960. p. 252-281.

CALDERÓN CAMPOS, M. Formas de tratamento. In: IZQUIERDO, A.; ENGUITA UTRILLA, J. M. (org.). *La lengua española en América: normas y usos actuales*. València: Universitat de València, 2010. p. 225-236.

CARRASCO SANTANA, A. Revisión y evaluación del modelo de cortesía de Brown y Levinson. *Pragmalingüística*, Cádiz, n. 7, p. 1-44, 1999. Disponível em: <https://revistas.uca.es/index.php/pragma/article/view/499/433>. Acesso em: 19 jul. 2019.

CARRICABURO, N. *Las fórmulas de tratamiento en el español actual*. Madrid: Arco Libros, 1997.

COELHO, I. L. et al. *Para conhecer sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2015.

COELHO, I. L.; NUNES DE SOUZA, C. M. Uma proposta metodológica para o tratamento da variação estilística em textos escritos. In: GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L.; NUNES DE SOUZA, C. M. (org.). *Variação estilística*. Florianópolis: Insular, 2014. p. 163-199.

CRYSTAL, D.; DAVY, D. *Investigating English Style*. Nova Iorque: Routledge, 1969.

DANTAS, W. S.; GIBBSON, A. O. A abordagem de estilo de fala narrativa na proposta da “árvore de decisão”: algumas questões de análise. In: GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L.; NUNES DE SOUZA, C. M. (org.). *Variação estilística*. Florianópolis: Insular, 2014. p. 141-162.

DÍAZ-CAMPOS, M. *Introducción a la sociolingüística hispánica*. Oxford: Wiley Blackwell, 2014.

ECKERT, P. Style and social meaning. In: ECKERT, P.; RICKFORD, J. R. (ed.). *Style and Sociolinguistic Variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 119-126.

ECKERT, P. Three Waves of Variation Study: The Emergence of Meaning in the Study of Sociolinguistic Variation. *Annual Review of Anthropology*, Palo Alto, n. 41, p. 87-100, 2012.

ECKERT, P.; RICKFORD, J. R. (ed.). *Style and Sociolinguistic Variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

FREITAG, R. M. K. *Gramaticalização e variação de acho (que) e parece (que) na fala de Florianópolis*. 2003. 112 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

FREITES BARROS, F.; ZAMBRANO CASTRO, W. De la preferencia del *usted* sobre *tú* en el habla andina venezolana. In: HUMMEL, M.; KLUGE, B.; VÁSZQUEZ LASLOP, M. E. (org.). *Formas y fórmulas de tratamiento en el mundo hispánico*. México, D.F.: El Colegio de México; Centro de Estudios Lingüísticos y Literarios, 2010. p. 901-921.

GOLDVARB X – A Multivariate Analysis Application. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005. Disponível em: <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb.html>. Acesso em: 18 jul. 2019.

GÓMEZ MOLINA, J. R. *El español hablado de Valencia: materiales para su estudio I. Nivel sociocultural alto*. Valência: Universitat de València, 2001.

GÓMEZ MOLINA, J. R. *El español hablado de Valencia: materiales para su estudio III. Nivel sociocultural bajo*. Valência: Universitat de València, 2007.

GÖRSKI, E. M.; VALLE, C. R. M. A variação estilística em entrevistas sociolinguísticas: uma (re)leitura do modelo laboviano. In: GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L.; NUNES DE SOUZA, C. M. (org.). *Variação Estilística*. Florianópolis: Insular, 2014. p. 67-92.

GUY, G. R.; ZILLES, A. *Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HERNÁNDEZ-CAMPOY, J. M. *Sociolinguistic Styles*. Oxford: Wiley Blackwell, 2016.

HORA, D. Estilo: uma perspectiva variacionista. In: GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L.; NUNES DE SOUZA, C. M. (org.). *Variação estilística*. Florianópolis: Insular, 2014. p.19-30.

- HUMMEL, M.; KLUGE, B.; VÁSZQUEZ LASLOP, M. E. (org.). *Formas y fórmulas de tratamiento en el mundo hispánico*. México, D.F.: El Colegio de México; Centro de Estudios Lingüísticos y Literarios, 2010.
- HURTADO ALBIR, A. *Traducción y traductología: introducción a la traductología*. 5. ed. Madri: Ediciones Cátedra, 2011.
- LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- LABOV, W. *Principles of Linguistic Change: Social Factors*. Oxford: Blackwell, 2001.
- LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- LAPESA, R. *Historia de la lengua española*. Madrid: Gredos, 2008.
- LUCCA, N. N. G. *A variação tu/você na fala brasiliense*. 2005. 139 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2005.
- MACAULAY, R. Is sociolinguistic lacking in style? *Cuadernos de Filología Inglesa*, Murcia, v. 8, p. 9-33, 1999. Disponível em: <https://revistas.um.es/cfi/article/view/66411>. Acesso em: 18 jul. 2019.
- MARTINS, N. S. *Introdução à estilística: a expressividade na Língua Portuguesa*. 4. ed. São Paulo: Ed. USP, 2012.
- MATTE BON, F. *Gramática comunicativa del español*. 11. ed. Madrid: Edelsa, 2008.
- MEDINA LÓPEZ, J. El tú del presidente. La ruptura del rol social. *Revista Española de Lingüística*, Madrid, v. 39, n. 1, p. 77-109, 2009. Disponível em: <http://sel.edu.es/rsel/index.php/revista/index>. Acesso em: 17 jul. 2019.
- MORÍN, A.; ALMEIDA, M.; RODRÍGUEZ, J. Variación y cambio en el sistema pronominal de trato: el caso del español canario. In: HUMMEL, M.; KLUGE, B.; VÁSZQUEZ LASLOP, M. E. (org.). *Formas y fórmulas de tratamiento en el mundo hispánico*. México, D.F.: El Colegio de México; Centro de Estudios Lingüísticos y Literarios, 2010. p. 717-734.

OROZCO, L. La extensión del tuteo en la ciudad de Guadalajara (México). In: HUMMEL, M.; KLUGE, B.; VÁSZQUEZ LASLOP, M. E. (org.). *Formas y fórmulas de tratamiento en el mundo hispánico*. México, D.F.: El Colegio de México; Centro de Estudios Lingüísticos y Literarios, 2010. p. 771-791.

SCHILLING-ESTES, N. Investigating Stylistic Variation. In: SCHILLING-ESTES, N.; CHAMBERS, J.; TRUDGILL, P. (ed.). *The Handbook of Language Variation and Change*. Oxford: Blackwell Publishing, 2002. p. 375-401.

SILVA-CORVALÁN, C.; ENRIQUE-ARIAS, A. *Sociolingüística y pragmática del español*. 2. ed. Washington, D.C: George Washington University Press, 2017.

SILVA, M. L. S. *Variação dos pronomes possessivos de terceira pessoa do singular seu(a)(s)/ dele(a) em natal – RN: aspectos sociais e estilísticos*. 2016. 84 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Arte, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016.

VALLE, C. R. M.; GÖRSKI, E. M. A construção de uma variável estilística complexa para medir a configuração da entrevista sociolingüística. *Todas as Letras*, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 30-45, maio/ago. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15529/1980-6914/letras.v18n2p30-45>. Acesso em: 18 jul. 2019.